

# TRADUÇÃO

## COMO A AMÉRICA LATINA NOS VÊ<sup>1</sup> (1924), ISAAC GOLDBERG

Autor: GOLDBERG, Isaac  
Tradução: CAPOBIANCO, Eder Dias<sup>2</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** América Latina; Estados Unidos; Literatura; Cultura; Isaac Goldberg.

**KEYWORDS:** Latin America; United States; Literature; Culture; Isaac Goldberg.

### Sobre Isaac Goldberg

Isaac Goldberg (1887-1938) foi um jornalista, autor, crítico e tradutor estadunidense, tendo se formado na Universidade de Harvard, onde também recebeu seu PhD, em 1912, em linguagens do romance. Entre suas produções sobre a literatura na América Latina, constam obras como *Studies in Spanish-American Literature* (1920) e *Brazilian Literature* (1922)<sup>3</sup>, além de ter sido o primeiro tradutor de Machado de Assis<sup>4</sup> para a língua inglesa<sup>5</sup>. O texto é a reflexão de um reputado intelectual de seu tempo sobre as relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina, vistas por ele como conflitantes, a partir da literatura produzida nos países latinos. Colocado seu interesse na literatura latino americana, o artigo

---

<sup>1</sup> GOLDBERG, Isaac. As Latin America sees us. In: *The American Mercury*. Nova York, v.3, n.12, dezembro, 1924. p. 465-471. Disponível em:

<<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030748548&view=1up&seq=495&q1=isaac+goldberg>>.

Acesso em: 02 de jan. 2024.

<sup>2</sup> Doutor em Letras na UNESP-Assis. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: eder.capobianco@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5607-7638

<sup>3</sup> ISAAC GOLDBERG. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac\\_Goldberg&oldid=1065349190](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac_Goldberg&oldid=1065349190)>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

<sup>4</sup> GOLDBERG, Isaac. South American literature: Three Brazilian tales. In: *The Stratford Monthly*. Boston, vol. 1, p. 3-31, 1917. Disponível em:

<<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101064477654&view=1up&seq=377&q1=isaac%20goldberg>>.

Acesso em: 27 de abr. 2023.

<sup>5</sup> FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Cynthia Beatrice. Machado contista em antologias em língua inglesa. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: v. 35, n.1, 2015.

fornece evidências de suas intenções e métodos de análise. Dada às leis de direitos autorais, este artigo é considerado de Domínio Público para tradução, sendo o acesso ao texto original possível na Biblioteca Digital HathiTrust<sup>6</sup>, que enfatiza esta condição<sup>7</sup>.

## Como a América Latina nos vê (1924), Isaac Goldberg

Fora das conversas diplomáticas, nós, americanos do norte, geralmente não somos apreciados por aquela América que fala espanhol ou português. A mente latino-americana, que aceita muito melhor que a nossa o estudo da história, esquece com muito menos facilidade do que nós episódios como a guerra com o México, a violação do istmo e a conquista do Haiti e de Santo Domingo. Se agora, a essa desconfiança histórica que ousa até mesmo questionar os benefícios da Doutrina Monroe, você adicionar a hostilidade latente gerada pela diferença de origem racial, você tem um excelente fundamento para desconfiança e dubiedade. A inferioridade física e material, como todos sabem, costuma traduzir-se em um sentimento de superioridade espiritual; logo, a desconfiança e a dúvida tendem a transformar-se, na América Latina, na assunção de uma missão ativa entre as nações do hemisfério ocidental. Nós, do Norte, somos vistos como a encarnação de um materialismo grosseiro, enquanto eles, do Sul, se tornam paladinos do idealismo. Somos abutres, aves de rapina; eles são cisnes, símbolos de graça e cultura. Somos uma prosa pesada; eles são poesia de asas leves.

Isso tudo são mentiras de autodefesa, mas nelas reside um núcleo de verdade. Traduza essas metáforas para a linguagem da economia contemporânea e elas significam simplesmente que, com o instinto de segurança dos mais fracos, os sul-americanos nos sentem como um inimigo predestinado. Não digo que tal inimizade seja necessária; na verdade, lamento esta percepção e só posso esperar que a visão do colosso que se aproxima seja uma miragem. Estou apenas despojando o caso de seus tropos e adereços, e tentando reduzi-lo a seus termos mínimos de fato.

Do nosso lado, somos, mesmo quando não francamente beligerantes ou diplomaticamente oblíquos, tão unilaterais em nossa visão quanto os sul-americanos. Nossos filmes mexicanos dificilmente são um exagero do que a mente popular, pelos jornais e outras

---

<sup>6</sup> GOLDBERG, Isaac. As Latin America sees us. In: *The American Mercury*. Nova York, v.3, n.12, dezembro, 1924. p. 465-471. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030748548&view=1up&seq=493&q1=isaac%20goldberg>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

<sup>7</sup> HATHITRUST. Access and Use Policies. HathiTrust, 2008. Disponível em: [https://www.hathitrust.org/access\\_use#pd-google](https://www.hathitrust.org/access_use#pd-google). Acesso em 27 de abr. 2023.

autoridades, fora ensinada a considerar como a realidade latino-americana. Quando essa mente pensa nisso, pensa na vida da América do Sul e Central como um pesadelo de touradas, bandidos, revoluções, violões e *señoritas* cobiçosas. Em retribuição ao elogio, nós, para a mente latino-americana - e muito frequentemente, infelizmente, para a mente culta -, nos tornamos um conjunto de vigaristas gananciosos, materialistas em pele de rinocerontes, divorciando-nos de nossas esposas toda segunda e quinta-feira, linchando negros entre os pratos do jantar e acendendo nossos charutos com notas de mil dólares. E assim, através do abismo da raça e credo antagônicos, estendemos uma ponte de mal-entendidos. Tente cruzar essa ponte de qualquer lado e descobrirá que ela não suporta peso; algo mais forte é necessário.

A América do Sul está mais próxima da nossa posição econômica do que da nossa posição cultural. No último aspecto, é cegada pela mesma indiferença que mostramos à sua própria vida em ascensão. A fábula do cisne e da águia precisa e deve ser esquecida. Como veremos, esta verdade já nasceu com alguns dos espíritos latinos questionadores e rebeldes. Mas, na maioria das vezes, a velha mentira defensiva ainda é afetosamente acreditada e permanece fresca como sempre, confundida com os medos econômicos e a diferença racial que lhe deram origem.

Em sua forma mais simples, se assume a distinção estereotipada entre Ariel e Caliban, com a América do Sul, é claro, no papel de Ariel, e os Estados Unidos como Caliban. Essa visão alcançou expressão com o clássico “Ariel”, de Rodó, um ensaio notável, por toda a indumentária espalhafatosa que incorpora. No entanto, duvido que os jovens latinos, que se inserem no padrão de Rodó, tenham lido “Ariel” corretamente. Seu Ariel é o espírito alado do homem, enquanto seu Caliban é o símbolo da estupidez e da sensualidade. Mas Rodó, ao criar essa distinção, dirige-se a um jovem já apaixonado por Caliban:

“Assim, acontece que a visão de uma América voluntariamente deslatinizada, sem coerção ou conquista, e regenerada à maneira de seu arquétipo do norte, flutua já nos sonhos de homens que estão atenciosamente interessados em nosso futuro, os satisfaz com paralelos sugestivos que encontram a cada passo, e aparece em movimentos constantes de reforma ou inovação. Temos nossa *mania pelo norte*.”

A objeção de Rodó à cultura norte-americana, de resto, está de acordo com as objeções que foram levantadas por nossos próprios intelectuais:

“... o norte-americano ainda não substituiu o idealismo inspirador de seu passado por alguma concepção altruísta de futuro. Ele vive para a realidade imediata do presente, e por isso

subordina todas as suas atividades ao egoísmo do bem-estar material, tanto individual quanto coletivo”.

No entanto, aqui Rodó parece ter esquecido seu próprio endosso de um ditado do sábio de Concord: “Há uma verdade profunda no paradoxo de Emerson de que todos os países da Terra devem ser julgados por suas minorias e não por suas maiorias”. Ele esqueceu o que alguns de seus ávidos seguidores parecem nunca ter aprendido.

Abro, por exemplo, um dos últimos números da *Revista do Brasil* (maio de 1914), editada por Monteiro Lobato. Lobato é um dos poucos editores realistas do continente ao sul; ele começou sua carreira com um panfleto científico pedindo mais higiene e menos retórica, e continuou como franco, contundente e profundamente crítico destrutivo de sua nação. Contudo, em sua revista um jovem escritor, Saul de Navarro, escreve sobre “A nova mentalidade da América Latina” (o subtítulo diz: “O espírito de Ariel e o pragmatismo ianque”), divertindo-se em meio às mesmas velhas ondas de respingos verborrágicos. “O espírito de Ariel, que inundou nossas mentes com a luz através da eloqüência solar de Rodó ... finalmente conquistou a influência maléfica de Caliban, esse monstro encarnado no pragmatismo ianque.” Para ter certeza, quando chega ao fim de seu artigo, ele esquece Ariel; ele lança, de fato, um relato do progresso material do Brasil - seu “delírio de civilização”, sua multiplicação de ferrovias, a aquisição de uma marinha mercante e de navios de guerra, a expansão de seu comércio, suas indústrias em ascensão, seus portos em crescimento - que se parecem mais com "pragmatismo ianque" do que qualquer outro o intenso discurso já proferido por um Babbit. Mas seu começo é no mesmo velho tom.

É exatamente essa autorrevelação sem humor, essa emocionante cavalgada na crista de uma linguagem melodiosa, mas vazia, que leva o caso latino-americano adiante. Para outro exemplo recorro a uma das melhores revistas hispano-americanas, a *Nosotros*, publicada por um grupo animado e geralmente cosmopolita de Buenos Aires. Também na edição de maio, o *señor* Gaston O. Talamon escreve sobre a temporada musical na capital argentina. Suas queixas parecem estranhamente familiares. O talento musical nativo está sendo desprezado ou negligenciado; o Teatro Colon, novamente, apesar de sua indiferença pela arte nativa, pede uma subvenção municipal; o gosto musical em Buenos Aires está tão decadente que, depois de sessenta e sete temporadas, a Ópera deve solicitar ajuda à cidade. As coisas, em uma palavra, estão tão ruins que os fatos merecem “ser registrados para espanto das gerações futuras e vergonha da nossa”. Em seguida, esquecendo a Ópera, Sr. Talamon passa a discutir os pianistas da temporada, apenas para elogios especiais ao retorno do antigo prodígio infantil Horszowski.

“De resto, a arte me inspira um respeito tão profundo que estou chocado e indignado ao vê-la convertida em mera proeza para o estupor de tolos e criaturas anestesiadas que buscam na música a satisfação de uma curiosidade palhaça digna da Yankilândia, a nação dos discos, e não a intensa emoção das almas sublimes de Mozart, Beethoven, Chopin, Schumann, Debussy...”

Há mais toques de corneta na mesma clave. Em um suspiro, o crítico repreende sua cidade por sua falta de alma musical, e no próximo, ecoa a diatribe convencional contra a Yankilândia, como se fosse Nova York, e não Buenos Aires, contra a qual ele está invectivando!

A verdade da questão, em vez de estar no meio, está nas duas pontas. Voltando ao simbolismo de Rodó (que, aliás, em “Ariel”, assim como em outros livros, ele tirou daqueles saxões dos quais ensinou a América Latina a ser cautelosa), Ariel e Caliban não são entidades claramente separáveis; são aspectos gêmeos de uma única personalidade continental, seja acima ou abaixo do Rio Grande. Havelock Ellis, que conhece seu Rodó, vê mais longe que o ensaísta uruguaio. Ainda na *Forum* de setembro deste ano o encontrei escrevendo em suas “Novas Impressões”:

“Percebo que Garcia Calderon, em seu excelente livro sobre a América Latina, parece sugerir, de passagem, que considera Ariel e Caliban unidos como representantes simbólicos do espírito inglês, tanto quanto podemos considerar Dom Quixote e Sancho Pança unidos como símbolo representativo completo dos espanhóis. Se na vasta selva do comentário shakespeariano essa ideia já foi elaborada, não tenho conhecimento; pode ter sido, até o último detalhe. Em todo caso, parece uma ideia que vale a pena ter em mente. A maioria das nações tem dois aspectos totalmente diferentes. Uma nação que não as tivesse provavelmente também falharia em desempenhar qualquer papel importante no mundo.”

É salutar lembrar que o Uruguai, que produziu Rodó, também produziu Carlos Reyles, o autor, creio eu, de um livro grosseiramente materialista que até mesmo Roosevelt, resenhando-o a partir de uma tradução francesa, o considerou condenável por seu calibanismo descontrolado.

## II

Mas, qualquer investigação, por mais resumida que seja, sobre o *status* da cultura dos Estados Unidos entre as nações latino-americanas deve, desde o início, colidir diretamente com o complexo de Ariel-Caliban. Deve estar preparada para enfrentar uma ignorância sobre nós que

só pode ser comparada à nossa ignorância sobre a América Latina, e um preconceito correspondente comparável apenas ao nosso.

Começamos pelas nações chamadas de ABC (Argentina, Brasil, Chile), não necessariamente porque representem a supremacia literária, mas porque, tendo alcançado a liderança na expansão econômica, elas mais se assemelham àqueles Estados Unidos que os representantes estéticos da América Latina abominam. Na Argentina, minhas próprias observações são apoiadas pelas do conhecido romancista e editor Manuel Gálvez, cujo “*Nacha Regules*” recentemente o apresentou aos leitores ingleses como, em parte, um Upton Sinclair argentino. Galvez, que lê inglês, está mais bem informado do que a maioria de seus compatriotas, e confessa que nossa literatura é quase desconhecida entre eles. Para ter certeza, existe aquele jornal intrépido, *La Nación*, que popularizou as versões em espanhol de James Fenimore Cooper, Bret Harte, entre outros, e que publicou numerosos artigos informativos sobre nossos escritores contemporâneos de Ernesto Montenegro, escritor chileno que atualmente vive em Nova York como correspondente do *El Mercurio*. Montenegro, que tem familiaridade com nossa língua, iluminou a elite argentina com estudos sobre Poe, Whitman, Sinclair Lewis, Theodore Dreiser, Willa Gather, Vachel Lindsay, John Burroughs, Hergesheimer e Edgar Lee Masters, além de traduzir um poema ou um conto ocasionalmente. É claro que isso é excepcional, mas todos os começos devem ser assim. Whitman não é muito conhecido na versão espanhola do poeta uruguaio Armando Vasseur; ainda assim, seu espírito, de alguma forma, infiltrou-se na consciência literária da América Latina. “Embora seus poemas não tenham sido lidos”, Galvez me diz, “o conteúdo de seus escritos é conhecido e ele é admirado”. Ele é considerado o revelador da vida moderna e o escritor que melhor encarna o espírito dos Estados Unidos. “Mais conhecido é Emerson; enquanto, embora o nome da mulher que o escreveu não seja familiar, “*Uncle Tom's Cabin*” é de conhecimento geral.”

Estes são lidos, é claro, em espanhol ou em francês; leitores que sabem inglês são raridades. Nossa literatura atual, com exceção dos ensaios interpretativos de Montenegro, é menos conhecida do que a do século passado. Um único nome se destaca, tanto na Argentina quanto na Rússia: o de Upton Sinclair. A opinião pública é decididamente desfavorável a nós.

“Aqui, acredita-se que vocês carecem de sentimento e que os norte-americanos pensam apenas em acumular riquezas. Vocês não são reputados com sensibilidade, elegância, bondade. A alta admiração que vocês sentem por um escritor tão secundário, e superficial, como Blasco Ibanez é para nós incompreensível. No entanto, imaginamos que, sendo o país tão vasto, deve haver excelentes escritores que não conhecemos. Posso afirmar que há um desejo de aprender

sobre a melhor literatura americana. Vocês, americanos, são os culpados por nossa atitude desfavorável. Vocês não têm interesse em nós, e acredito que isso deve ser lamentado. Nossas literaturas e nossos escritores ganhariam com a compreensão mútua. Só uma coisa é necessária ... que seus livros sejam traduzidos e publicados na Espanha.”

No entanto, já em 1868, nós do Norte começamos a nos interessar ativamente pela obra de Sarmiento, presidente da república da Argentina e defensor das ideias norte-americanas sobre educação. Seu livro, “Facundo”, foi traduzido para o inglês pela esposa de Horace Mann; em sua nação, a defesa de nossas noções educacionais foi ressentida.

O Brasil, “os Estados Unidos do sul”, fala português; no entanto, dificilmente seria exagero dizer que, como seus vizinhos de língua espanhola, o país pensa, principalmente, em francês. Há uma forte reação contra esse fato, é verdade, que em última instância pode produzir resultados importantes para a autonomia cultural das nações neolatinas. Entretanto, quanto à influência norte-americana, talvez o Sr. Hilário Tácito, num momento frívolo, tenha chegado o mais perto da verdade que se pode chegar. Ele disse que os catálogos de máquinas de costura Singer e inúmeros *fox-trots* constituem os principais artigos culturais importados dos Estados Unidos para o Brasil, secundados por almanaques e filmes de cinema. Todo brasileiro conhece Rudolph Valentino, Wallace Reid, Pearl White e Mae Murray. Mas Monteiro Lobato me informa que Hawthorne é desconhecido, enquanto Longfellow, embora seja encontrado em português, é pouco lido. Poe, claro, é lido em tradução francesa, e “The Raven” também é amplamente conhecido em português, tendo sido duas vezes admiravelmente traduzido, por Machado de Assis e por Emílio de Menezes. Quanto aos nossos escritores posteriores, Mark Twain e William James dividem as honras com Nick Carter. A opinião geral no Brasil é de que os Estados Unidos não possuem literatura.

Houve tentativas esporádicas, é claro, de apresentar nossos romancistas, mas sem efeito duradouro. Nos tempos românticos, por exemplo, Cooper foi lido por Alencar, autor do perene “Guarany”. A ignorância geral sobre Hawthorne e Emerson é lamentada por vários de meus correspondentes, um dos quais, o Sr. Manoel Oliveira de Lima (atualmente professor de direito internacional na Universidade Católica, Washington), é franco o suficiente para dizer que é “O Corvo”, de Poe, que salva a reputação das letras norte-americanas no Brasil. De resto, o país está imerso no estágio de esclarecimento político de um dos romances de Eça de Queiroz. Ao ouvir os nomes de Shakespeare e Byron serem mencionados, perguntou com surpresa, “A Inglaterra tem poetas?”

Há brasileiros que não leem nem livros brasileiros, e eles têm irmãos espirituais mais ao norte. Cerca de noventa por cento do país é analfabeto; dos dez por cento restantes, nem um décimo sabe inglês. Do Sr. Gilberto Freyre, de Pernambuco, tenho uma carta muito importante, visto que ele é um dos poucos brasileiros que fez um estudo de nosso cenário contemporâneo. Seu caso, claro, é excepcional; como Montenegro, ele também, durante sua estada nos Estados Unidos, enviou artigos informativos e interpretativos para os jornais de seu país. Estes, e os livros que nascem naturalmente deles, são as sementes da futura entente literária. Diz o Senhor Freyre:

“Relativamente, às literaturas francesa e americana, e mesmo inglesa, são pouco conhecidas no Brasil. ... Imagine a ignorância quase completa dos poetas, ensaístas e romancistas ingleses! Esta é a situação de nove décimos da nossa *élite*.”

O paradoxo é que mesmo o público que sabe inglês carece de percepção de mundo para apreciar as letras em inglês. Quanto ao conhecimento de nossos escritores:

“Alguns são conhecidos pelo nome ou por um fragmento ocasional; às vezes, até mesmo por um livro inteiro: Poe, Longfellow, Mark Twain, William James, Cooper. Mais intimamente, talvez, Emerson. [Isso contradiz as informações de outras fontes.] Entre os estudantes de direito, Hamilton, Madison, Wilson e nomes menores. E, ultimamente, as bancas têm exibido uma tradução de um livro de - Orison Swett Marden!”

Esta, devo acrescentar, não é de forma alguma a primeira aparição de Marden na América do Sul. Já em “Ariel” Rodó condenava, à sua maneira plácida, a moral francamente utilitária de “Empurrando Para a Frente”, de Marden, publicado em Boston, em 1894, e elogiado, como se queixava, “mesmo em círculos da igreja, e comparado com a 'Imitação' de um Kempis! ...” Freyre continua:

“Nossos avós liam os romances de Cooper e até os versos de Longfellow. Nosso último imperador era um entusiasta de Longfellow. Ele traduziu “Roberto da Sicília” para o português, e o autor, que conhecia nossa língua, ficou muito satisfeito com a versão. ... A nova geração no Brasil não está mais entusiasmada com Longfellow. Há um certo entusiasmo por Emerson, mas é um Emerson em francês ou espanhol. Não sei se você notou que Emerson, em francês ou espanhol, parece mais profundo do que em inglês.

Quanto ao conhecimento das letras contemporâneas dos Estados Unidos, posso dizer que meu caso é algo à parte. Aqueles que eu mais estimo são O'Neill, Sandburg, Amy Lowell, Dreiser, Sinclair Lewis, John Macy, Spingarn, Hargesheimer, Vachel Lindsay e Tarkington. Vachel já foi meu guia no Metropolitan Museum. Certa tarde, jantei com a senhorita Lowell

em sua casa em Brookline, e ainda posso vê-la diante de mim, corpulenta, rosada, com óculos escuros, dando a falsa impressão de uma governanta alemã, apenas para logo me surpreender com a elegância e juventude de seu espírito. Em Columbia os cursos de Carl Van Doren foram um prazer. ...”

As outras admirações de Freyre, - Santayana, Randolph Bourne, Van Wyck Brooks e James Huneker - revelam que ele é bem informado, mesmo para um "americanador" nativo.

Viajando para o sul, para o Chile, encontramos o Dr. Marden ainda em ascensão, com Elbert Hubbard como arcebispo da fé americana. Os chilenos compartilham uma maior ou menor familiaridade com Poe e Whitman com o resto do continente, sendo a versão mais famosa de "The Raven", em espanhol, a de Perez Bonalde. Os contos de Poe têm circulado pela América Latina em revistas. Adicione "Evangeline" e trechos das impressões espanholas de Washington Irving, e a literatura antiga dos Estados Unidos está praticamente esgotada. Um chileno, Arturo Torres Rioseco, ex-professor em várias de nossas universidades, é o mais recente tradutor de Whitman. Armando Donoso, que é o crítico da intelectualidade chilena, anos antes descobriu o Bom Poeta Cinzento para seus compatriotas. Cito o Sr. Montenegro:

“Quanto a Whitman ... a liderança espiritual dos franceses fez com que seus versos fossem fervorosamente decifrados, comentados e imitados, assim que Bazalgette e nosso galicista Ruben Dario o revelaram aos povos latinos. A influência dele foi mais do que individual. Assim como Poe foi abraçado entre nós como um profeta e mártir da arte pura, caído junto a uma nação de mercadores e fariseus, Whitman surgiu de repente como o próprio poeta do povo - o messias da democracia. Acho que o que os destacou, para a admiração da América Latina, foi: em Poe o apelo intelectual; em Whitman a liberdade espiritual, ambas tão caras à mente latina.

O ecletismo persuasivo de Emerson atraiu também um círculo restrito de nossos filósofos *dilettanti*, mas sua mensagem parece um pouco fria para a alma inquieta de nosso tempo. Do período romântico nos Estados Unidos, um volume de Bret Harte deu-lhe popularidade através da biblioteca do *La Nación*, de Buenos Aires. Mark Twain é universalmente conhecido como um bobo da corte, mas de suas análises mais penetrantes da psicologia da infância, das pequenas cidades e das turbas, duvido que algo já tenha sido traduzido para o espanhol ou português. Uma elite, sem dúvida, conhece os poetas e romancistas modernos dos Estados Unidos, mas tudo o que o público em geral recebe dessas fontes é um conto ocasional de Jack London, Booth Tarkington ou O. Henry, que encontram seu caminho pelas mais variadas seções da imprensa diária

Há ainda algumas doutrinas a serem consideradas. Em sua época, as idéias educacionais de Horace Mann foram implantadas pelo zelo de Sarmiento, apenas para serem postas de lado pelos alemães. Henry George traduziu uma boa porcentagem de nossos resmungões em sua teoria do imposto único; Ingersoll deu munição a muitos de nossos livres-pensadores; o pioneiro Edward Bellamy, da Utopia de Wells, foi ao mesmo tempo o *feuilleton* favorito de nossos jornais radicais.

Para a imensa maioria do público latino-americano, os representantes genuínos do pensamento norte-americano são Elbert Hubbard e O. S. Marden. Alguns dos nossos Homais literários quiseram que acreditássemos que nesses nomes estava encarnado o espírito do povo americano. Cada vez que abro um jornal latino-americano estou preparado para ver o anúncio de que o Dr. Frank Crane e Arthur Brisbane passarão a nos fornecer nossa dose diária de sabedoria norte-americana - que, aliás, um jornal em Cuba e outro no México já o fizeram.”

### III

Lá se foi o ABC. As outras nações ao sul apresentam o mesmo panorama, mas aqui e ali com um detalhe divergente. No Peru, lar do poeta parcialmente Whitmaniano Santos Chocano, a obra de Prescott surge naturalmente, assim como, em grande parte pela influência de Pedro Zulen, a filosofia de William James. É Zulen, igualmente, quem familiarizou o público peruano mais crítico com nossa cultura contemporânea. No México, sempre atento aos estímulos estrangeiros, um coeso grupo educacional, arregimentado entre a juventude errante de toda a América Latina, mantém estreito contato com os afazeres intelectuais do Norte. Na Costa Rica, Emerson é tido na mais alta estima, e Thoreau é bem conhecido por “Walden”, enquanto os sempre recorrentes Poe e Whitman compartilham honras com Longfellow (cujo “Excelsior” e “Salmo da Vida” são aprendidos de cor), Irving (“Lendas”) e, por uma exceção bem-vinda, Hawthorne (“A Letra Escarlate”). Amy Lowell penetrou na companhia da autoridade educacional de Dewey; William James divide a atenção com Woodrow Wilson.

Ambos os *Señores* Jorge Mañach e José Antonio Ramos, de Cuba, nos conhecem bem a partir de estudos e residência. Mas o primeiro, tão exceção em Cuba quanto Freyre no Brasil, declara que nossos clássicos não são lidos por seus compatriotas. Diz ele:

“Salvo por aqueles cubanos, como eu, que viveram e estudaram nos Estados Unidos, o público leitor aqui é desinformado ou ignora seus antigos valores literários. De vez em quando, você encontra um sujeito erudito que leu Emerson em espanhol ou Hawthorne em francês; mas

é raro. Poe é bastante conhecido por meio de Baudelaire e de seus tradutores latino-americanos, como Perez Bonalde. Whitman é indiretamente conhecido por nós, cubanos, através do belo ensaio de Mairtí sobre ele. Longfellow é apenas um nome. Talvez o escritor americano mais conhecido do passado imediato seja Mark Twain, que chega a ter - digamos fãs? - no mesmo nível de Anatole France e Eça de Queiroz...

Nossa *suspeita* - é isso que é -, de sua literatura é um reflexo do que geralmente pensamos de sua vida nacional. Ou seja, ainda estamos diante da pitoresca era dos preconceitos, assim como vocês em relação a nós. Não paramos de considerar a noção iníqua do esforço americano de lutar-pelo-dólar-e-arranha-céu. Poucos entre nós conhecem Edith Wharton, Robert Frost, James Cabell ou Sinclair Lewis - ou mesmo Hergesheimer, que escreveu o belo "San Cristobal de la Habana". É uma pena, mas deve ser admitido.

A razão para isso não é tanto o preconceito contra o seu "materialismo", como uma falta de tempo. ... Claro, isso é lamentável. Um pouco mais de propaganda de parte de vocês, e um pouco mais de atenção da nossa, fariam muito para nos unir saudavelmente - e nos manter separados com segurança.”

Num artigo recente de Ramos, no *Figaro* (Havana), encontro o antídoto realista para a rodomontada romântica que encontramos no brasileiro Saul de Navarro. “Por que publicamos livros?” é o seu título, e ele passa a contrastar o terreno do escritor na América Latina “idealista” com a do autor nos Estados Unidos “materialistas”. A literatura em Cuba, como ele a descreve, parece ser uma profissão muito precária, enquanto mais ao norte até mesmo os críticos obtêm uma renda distinta! Não pretendo insinuar que Ramos seja cego aos defeitos externos e internos de nossa civilização, assim como nossos próprios romancistas e críticos mais sérios, que, embora seu vocabulário e sua abordagem possam diferir, lançam contra seus compatriotas as mesmas acusações, que filtram da América do Sul. Ele sabe, no entanto, que há Calibans em casa e que há Ariels aqui em cima. Ele sabe que a literatura nos Estados Unidos finca suas raízes profundamente na vida nacional, em vez de, como em Cuba, simplesmente fornecer um caminho respeitável para a preferência política. Ele diz:

“Rua Principal” deve seu triunfo exclusivamente ao fato de ser um protesto, embora um tanto suavizado, e termina de acordo com os cânones do final feliz. Se a heroína tivesse desatado um pouco mais fundo sua aventura, conforme a experiência da vida americana permite supor que teria sido mais seguro e mais humano, o romance nunca teria alcançado sua popularidade. James Branch Cabell, um romancista fino e culto, não é contado no primeiro escalão por muitas razões, apesar de ter tido a honra de ser perseguido pela famosa liga anti-vício, que tentou

reprimir ‘Mile Maupin’. No entanto, o romance norte-americano está alcançando uma afirmação definitiva. O teatro já possui obras-primas. Ensaio e crítica continuam a tradição, que seria um provincianismo ridículo de nossa parte tentar negar que seja o orgulho legítimo do saxão do norte. James Harvey Robinson e John Dewey, para citar apenas cavalheiros do campo filosófico, são dignos sucessores de Emerson. ... Os autores dos Estados Unidos ... ao mesmo tempo que adquirem riquezas materiais, vivem intensamente, perseguem um novo sentido da vida contemporânea e vão descobri-lo! O futuro pertence a eles.

E nós?

Com que dor, com que pesar detecto esse desdém que alguns de nossos escritores demonstram quando se referem ao reino do espírito na América do Norte!”

Aqui está, salvo grande engano, uma indicação do que podemos esperar dos críticos latino-americanos, tão logo eles substituam a platitude retórica pela plácida investigação dos fatos. Enquanto eles invocavam Ariel, Caliban prosperava vigorosamente em seu meio; enquanto eles desdenhavam de nós com “Caliban”, Ariel aqui trabalhava alegremente.

#### IV

Tendo em vista que as numerosas nações da América Latina mal conseguem manter contato umas com as outras, apesar da identidade ou semelhança de suas línguas, dificilmente se espera que mantenham estreita comunhão intelectual com um povo do qual são divididos por distância, raça e idioma. No entanto, a intelligentsia do sul está mais unida do que pode parecer. Os artigos são reimpressos livremente de revista em revista, e um bom poema chega rapidamente da Venezuela ao Uruguai e vice-versa. Cartas dos Estados Unidos estão finalmente começando a trazer notícias do renascimento literário do Norte.

Dessa relação intelectual só pode resultar o bem. Pegue um número recente do *Repertorio Americano*, publicado em San Jose, Costa Rica, por Joaquin Garcia Monje, - um excelente estudioso que conhece os Estados Unidos por ter servido seu país em Washington -, e encontro na primeira página uma “Mensagem de Waldo Frank aos Escritores do México” - traduzida para o espanhol e enviada originalmente de Madri ao *Señor* Alfonso Reyes, da Legação Mexicana de lá. A “mensagem” de Frank não me atrai tanto - ele defende uma solidariedade artística que deve combater o filistinismo em ambos os lados da fronteira, reconhecendo em espíritos independentes uma minoria que deve combater a civilização feita por máquinas na América Latina e na Saxônia, e defendendo o ideal de variedade cultural -, e não porque

podemos realmente criar hoje uma união intelectual de americanos, do Norte e do Sul. O que me atrai é simplesmente o fato de que a carta de Frank, escrita em inglês para um mexicano durante uma estada na Espanha, chega até mim nos Estados Unidos via Costa Rica, em espanhol! Aqui, de fato, há um circuito de impressões. A desculpa para o isolamento intelectual desapareceu. A inércia, ao invés da ignorância, ao invés do preconceito, agora mantém as mentes das Américas distantes; e as mentes, como a água, buscam um nível comum. O canal natural é o impresso. O que é necessário para o presente imediato, mais do que discursos e elogios, é uma explosão indiscriminada da vacuidade diplomática, uma consideração puramente estética das realizações de cada um. Isso deve ser conduzido longe do recinto de instituições que se prestam à exploração propagandística, por homens da América do Norte e do Sul que estão acima do provincianismo. As Américas não têm nada a perder com uma comunhão mais estreita, e a vantagem comercial é a menor das coisas a serem ganhas.

## REFERÊNCIAS

- FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Cynthia Beatrice. Machado contista em antologias em língua inglesa. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: v. 35, n.1, 2015.
- ISAAC GOLDBERG. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac\\_Goldberg&oldid=1065349190](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac_Goldberg&oldid=1065349190)>. Acesso em: 27 de abr. 2023.
- GOLDBERG, Isaac. As Latin America sees us. In: *The American Mercury*. Nova York, v.3, n.12, dezembro, 1924. p. 465-471. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030748548&view=1up&seq=495&q1=isaac+goldberg>>. Acesso em: 02 de jan. 2024.
- GOLDBERG, Isaac. South American literature: Three Brazilian tales. In: *The Stratford Monthly*. Boston, vol. 1, p. 3-31, 1917. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101064477654&view=1up&seq=377&q1=isaac%20goldberg>>. Acesso em: 27 de abr. 2023.
- HATHITRUST. Access and Use Policies. HathiTrust, 2008. Disponível em: <[https://www.hathitrust.org/access\\_use#pd-google](https://www.hathitrust.org/access_use#pd-google)>. Acesso em 27 de abr. 2023.

## ANEXOS

### Texto Original

### **AS LATIN AMERICA SEE US (1924), BY ISAAC GOLDBERG**

Outside of diplomatic interviews, we Americans of the North are not generally liked by that America which speaks Spanish or Portuguese. The Latin-American mind, which takes so much better than ours to the study of history, forgets far less easily than we do such episodes as the war with Mexico, the rape of the Isthmus, and the conquest of Haiti and Santo Domingo. If now, to this historical suspicion, which dares even to question the boons of the Monroe Doctrine, you add the lurking hostility bred by the difference in racial origin, you have an excellent foundation for mistrust and dubiety. Physical and material inferiority, as everyone knows, has a habit of translating itself into a sense of spiritual superiority; hence that mistrust and dubiety tend to become transformed, in Latin America, into the assumption of a lofty mission among the nations of the Western hemisphere. We of the North are visioned as the incarnation of a gross materialism, while they of the South become paladins of idealism. We are vultures, birds of prey; they are swans, symbols of grace and culture. We are heavy-footed prose; they are light-winged poesy.

These are all lies of self-defense, but in them dwells a core of truth. Translate these metaphors into the language of contemporary economics, and they mean simply that, with the sure instinct of the weaker, the South Americans sense in us a predestined enemy. I do not say that such an enmity is necessary; in fact, I deplore the notion and can only hope that the vision of the approaching juggernaut is a mirage. I am merely stripping the case of its tropes and trimmings and attempting to reduce it to its lowest terms in fact.

On our own side, we are, even when not frankly belligerent or diplomatically oblique, just as one-sided in our views as the South Americans. Our moving-picture Mexican is hardly an exaggeration of what the popular mind, by the newspapers and other agencies, has been taught to regard as the Latin-American reality. When that mind thinks of it at all, it thinks of South and Central American life as a nightmare of bull-fights, bandits, revolutions, guitars and

ogling señoritas. By way of return compliment, we, to the Latin-American mind—and altogether too often, alas, to the really cultured mind— become a complex of money-grubbing swindlers, materialists with the hides of rhinoceroses, divorcing our wives every Monday and Thursday, lynching Negroes between dinner courses, and lighting our cigars with thousand-dollar bills. And so, across the gulf of antagonistic race and creed, we stretch a bridge of misunderstanding. Try to cross that bridge from either side and one finds that it holds no weight; something stronger is needed.

South America is nearer right as to our economic position than it is as to our culture. In the latter department it is blinded by that same indifference which we show to its own budding higher life. The fable of the swan and the eagle must and should be forgotten. As we shall see, this truth has already dawned upon a few inquiring and rebellious Latin spirits. But for the most part the old defensive lie is still fondly believed and remains as fresh as ever, confused with the economic fears and racial differentia which gave it birth.

In its simplest form it takes the shape of the stereotyped distinction between Ariel and Caliban, with South America, of course, in the role of Ariel, and the United States as Caliban. This view attained classic expression in Rodo's "Ariel" a remarkable essay, for all the gaudy attire in which it moves. Yet I doubt whether the Latin youngsters who have enrolled themselves behind Rodo's standard have read "Ariel" aright. His Ariel is the winged spirit of man, as his Caliban is the symbol of stupidity and sensuality. But Rodo, in creating that distinction, is addressing it to a youth already impassioned for Caliban:

“So it happens that the vision of a voluntarily delatinized America, without compulsion or conquest, and regenerate in the manner of its northern archetype, floats already through the dreams of men who are sincerely interested in our future, satisfies them with suggestive parallels they find at every step, and appears in constant movements for reform or innovaunc. We have our *mania for the North*.”

Rodo's objection to North American culture, for the rest, is at one with the objections that have been raised by our own intellectuals:

“... the North American has not yet replaced the inspiring ideality of his past with any high unselfish conception of the future. He lives for the immediate reality of the present, and for this subordinates all his activities in the egoism of material well-being, albeit both individual and collective.”

Yet here Rodo seems himself to have forgotten his own indorsement of a saying by the sage of Concord: “There is deep truth in Emerson's paradox that every country on earth should

be judged by its minorities and not by its majorities.” He has forgotten what some of his eager followers seem never to have learned.

I open, for example, one of the latest numbers of the *Revista do Brasil* (May, 1914) edited by Monteiro Lobato. Lobato is of the few realistic editors on the southern continent; he began his career with a scientific pamphlet calling for more hygiene and less rhetoric and has continued as a straightforward, hard-hitting, soundly destructive critic of his nation. Yet in his magazine a young writer, Saul de Navarro, writing of “The New Mentality of Latin America” (the sub-title reads, “The Spirit of Ariel and Yankee Pragmatism”) disports himself amidst the same old waves of splashing verbiage. “The spirit of Ariel, which flooded our minds with light through the solar eloquence of Rodo ... has conquered at last the maleficent influence of Caliban, that monster incarnated in Yankee pragmatism.” To be sure, by the time he has reached the end of his article he has forgotten Ariel; he launches, indeed, into an account of Brazil's material progress - its “delirium of civilization,” its centuplication of railroads, its acquisition of a merchant marine and of ships of war, the expansion of its commerce, its rising industries, its growing ports - that reads more like “Yankee pragmatism” than any booster's speech ever delivered by a Babbit. But his beginning is in the same old tone.

It is just such humorless self-revelation, such high riding upon the crest of melodious but vacuous language, that gives the Latin-American case away. For another example, I turn to one of the best of the Spanish-American magazines, *Nosotros*, published by a lively and generally cosmopolitan group in Buenos Aires. It is also the May number, and Señor Gaston O. Talamon is discussing the musical season at the Argentine capital. His complaints read strangely familiar. Native musical talent is being flouted or neglected; the Teatro Colon again, despite its indifference to native art, asks a municipal subvention; musical taste in Buenos Aires is at such a low ebb that after sixty-seven seasons the Opera must apply for help to the city. Things, in a word, are so bad that the facts deserve “to be set down for the amazement of future generations and the shame of our own.” Whereupon, forgetting the Opera, Sr. Talamon proceeds to discuss the pianists of the season, singling out for special praise the returning quondam infant prodigy, Horszowski.

“For the rest, art inspires me with so deep a respect that I am shocked and outraged to see it converted into mere prowess for the stupefaction of fools and anaesthetic creatures who seek in music the satisfaction of a clownish curiosity worthy of Yankilandia, the nation of records, and not the intense emotion of those sublime souls, Mozart, Beethoven, Chopin, Schumann, Debussy....”

There are more bugle-blasts in the same key. In one breath the critic berates his city for its lack of a musical soul, and in the next echoes the conventional diatribe against Yankilandia, as if it were New York, and not Buenos Aires, against which he is inveighing!

The truth of the matter, rather than lying in the middle, is at both ends. To revert to the symbolism of Rodo (which, by the way, in "Ariel," as well as in other books, he took from those Saxons of which he taught Latin America to be wary), Ariel and Caliban are not neat separable entities; they are twin aspects of a single continental personality, whether above or below the Rio Grande. Havelock Ellis, who knows his Rodo, sees farther than the Uruguayan essayist. As late as the Forum for September of this year I find him writing in his "New Impressions":

"I note that Garcia Calderon, in his excellent book on Latin America, seems passingly to suggest that he regards Ariel and Caliban together as the symbolic representative of the English spirit, much as we may regard Don Quixote and Sancho Panza together as the complete symbolic representative of the Spaniard. Whether in the vast jungle of Shiakesperian commentary this idea has ever been worked out, I have no knowledge; it may have been, even to the last detail. At all events, it seems an idea that is worth bearing in mind. Most nations have two totally unlike aspects. A nation that failed to do so would probably fail also to play any great part in the world."

It is salutary to remember that Uruguay, which produced Rodo, also produced Carlos Reyles, the author, I believe, of a crassly materialistic book which even Roosevelt, reviewing it in a French translation, found condemnable for its rampant Calibanism.

## II

But any investigation, however summary, into the status of United States culture among the Latin-American nations must at the outset collide flatly with the Ariel-Caliban complex. It must be prepared to encounter an ignorance of us which may be paralleled only by our ignorance of Latin America, and a corresponding prejudice comparable only to our own.

Let us begin with the so-called ABC nations (Argentina, Brazil, Chile), not necessarily because they represent literary supremacy, but because, having attained to leadership in economic expansion, they most nearly resemble that United States which Latin America's aesthetic representatives abominate. In Argentina my own observations are supported by those of the well-known novelist and publisher, Manuel Galvez, whose "Nacha Regules" lately introduced him to English readers as, in part, an Argentine Upton Sinclair. Galvez, who reads

English, is better informed than most of his countrymen, and confesses that our literature is almost unknown among them. To be sure, there is that enterprising newspaper, *La Nación*, which has popularized Spanish versions of James Fenimore Cooper, Bret Harte and others and which has printed numerous informative articles about our contemporary writers by Ernesto Montenegro, a Chilean writer at present living in New York as the correspondent of *El Mercurio*. Montenegro, at home in our tongue, has thus enlightened the Argentine elite with studies of Poe, Whitman, Sinclair Lewis, Theodore Dreiser, Willa Gather, Vachel Lindsay, John Burroughs, Hergesheimer and Edgar Lee Masters, beside translating a stray poem or story. This is, of course, exceptional, but all beginnings must be so. Whitman is not too widely known in the Spanish version by the Uruguayan poet, Armando Vasseur; yet his spirit, somehow, has filtered into the literary consciousness of Latin America. “Although his poems have not been read,” Galvez tells me, “the contents of his writings are known and he is admired. He is considered to be the revealer of modern life and the writer who best incarnates the spirit of the United States. “Better known is Emerson; while, though the name of the woman who wrote it is unfamiliar, “Uncle Tom's Cabin” is general property.

These are read, of course, in Spanish or in French; readers who know English are rarities. Our present literature, barring the interpretative essays of a Montenegro, is less known than that of the last century. A single name stands out, in Argentina as in Russia: that of Upton Sinclair. Public opinion is decidedly unfavorable to us.

“Here it is believed that you people lack feeling, and that North Americans think only of amassing wealth. You are not credited with sensibility, elegance, kindness. The admiration which you feel up there for so secondary and so superficial a writer as Blasco Ibanez is to us beyond understanding. Nevertheless, we imagine that since the country is so vast, there must be excellent writers whom we do not know. I can affirm that there is a desire to learn of the better American literature. You Americans are to blame for our unfavorable attitude. You take no interest in us, and I believe this is to be deplored. Our literatures and our writers would gain by mutual understanding. One thing alone is needed ... that your books be translated and published in Spain.”

Yet, so far back as 1868, we of the North had begun to take an active interest in the work of Sarmiento, president of the Argentine republic and advocate of North American ideas in education. His book, “*Facundo*”, was put into English by the wife of Horace Mann; at home his advocacy of our educational notions was resented.

Brazil, “the United States of the South”, speaks Portuguese; yet it would hardly be exaggeration to say that, like its Spanish-speaking neighbors, it thinks largely in French. There is a strong reaction against this fact, it is true, which ultimately may produce results of importance to the cultural autonomy of the neo-Latin nations. Meanwhile, as to North American influence, perhaps Senhor Hilario Tacito, in a frivolous moment, struck as near to the truth as one may come. He said that Singer sewing-machine catalogues and countless fox-trots constitute the major articles of cultural importation into Brazil from the United States, seconded by almanacs and movie films. Every Brazilian knows Rudolph Valentino, Wallace Reid, Pearl White and Mae Murray. But Monteiro Lobato informs me that Hawthorne is unknown, while Longfellow, though he is to be had in Portuguese, is but littleread. Poe, of course, is read in French translation, and “The Raven” is also widely known in Portuguese, having been twice admirably rendered, by Machado de Assis and by Emilio de Menezes. As to our later writers, Mark Twain and William James divide honors with Nick Carter. General opinion in Brazil has it that the United States possesses no literature.

Sporadic attempts there have been, of course, to introduce our novelists, but they have been of no lasting effect. In the Romantic days, for example. Cooper was read by Alencar, author of the perennial “Guarany”. The general ignorance of Hawthorne and Emerson is deplored by a number of my correspondents, one of whom, indeed, Senhor Manoel Oliveira de Lima (at present professor of international law at the Catholic University, Washington) is frank enough to say that it is Poe's “Raven” which alone saves the reputation of North American letters in Brazil. For the rest, the country is in much the state of enlightenment of the politician in one of Eça de Queiroz's novels. Hearing the names of Shakespeare and Byron mentioned, he inquired in surprise, “Has England any poets?”

There are Brazilians who do not read even Brazilian books, and they have spiritual brothers farther north. Some ninety per cent of the country is illiterate; of the remaining ten per cent, but one tenth know English. From Senhor Gilberto Freyre, of Pernambuco, I have a letter which is all the more important since he is one of the few Brazilians who has made a study of our contemporaries upon the scene. His case, of course, is exceptional; like Montenegro, he too, during his sojourn in the United States, sent informative and interpretative articles back to his home newspapers. These and the books that grow naturally from them are the seeds of the future literary entente. Senhor Freyre says:

“Relatively, French and American literature, and even English, are little known in Brazil. ... Imagine the almost complete ignorance of the English poets, essayists and novelists! This is the situation of nine-tenths of our élite.”

The paradox is that even the public which knows English lacks the mentality to appreciate English letters. As to its acquaintance with our writers:

“Some are known by name, or by an occasional fragment; at times, even by a whole book: Poe, Longfellow, Mark Twain, William James, Cooper. More intimately, perhaps, Emerson. [This contradicts information from other quarters.] Among law students, Hamilton, Madison, Wilson and a lesser name. And lately the stands have displayed a translation of a book by - Orison Swett Marden!”

This, I may interpose, is by no means Marden's first appearance in South America. Already in “Ariel”, Rodo was condemning in his placid way the frankly utilitarian moral of Marden's “Pushing to the Front”, published in Boston in 1894 and praised, as he complained, “even in church circles, and compared to the 'Imitation' of a Kempis! ...” Freyre continues:

“Our grandfathers read the novels of Cooper and even the verses of Longfellow. Our last Emperor was a Longfellow enthusiast. He translated “Robert of Sicily” into Portuguese and the author, who knew our tongue, was highly pleased with the version. ... The new generation in Brazil is no longer enthusiastic over Longfellow. There is a certain enthusiasm for Emerson, but it's an Emerson in French or Spanish. I don't know whether you've noticed that Emerson, in French or Spanish, seems deeper than in English.

As to acquaintance with contemporary United States letters, I may say that my case is a thing apart. Those I most esteem are O'Neill, Sandburg, Amy Lowell, Dreiser, Sinclair Lewis, John Macy, Spingarn, Hargesheimer, Vachel Lindsay and Tarkington. Vachel was once my guide through the Metropolitan Museum. I dined one afternoon with Miss Lowell in her Brookline home, and I can still see her before me, stout, pink, begoggled, giving the false impression of a German governess, only to surprise me soon with the elegance and youthfulness of her spirit. At Columbia the courses by Carl Van Doren were a delight. ...”

Freyre's other admirations, - Santayana, Randolph Bourne, Van Wyck Brooks and James Huneker - reveal him as well-informed even for a native-born “United Stateser.”

Traveling South to Chile, we find Dr. Marden still in the ascendant, with Elbert Hubbard as archpriest of the American faith. The Chileans share a greater or less familiarity with Poe and Whitman with the rest of the continent, the most famous version of “The Raven” in Spanish being that of Perez Bonalde. Poe's tales have made the rounds of Latin America in the

magazines. Add to this "Evangeline" and excerpts from Washington Irving's Spanish impressions, and the early literature of the United States is practically exhausted. A Chilean, Arturo Torres Rioseco, sometime instructor in various of our universities, is the latest to translate Whitman. Armando Donoso, who is the critic of the Chilean intelligentsia, years ago discovered the Good Grey Poet to his countrymen. I quote Mr. Montenegro:

“As to Whitman ... the spiritual leadership of the French caused his verses to be fervently deciphered, commented upon and imitated as soon as Bazalgette and our gallicized Ruben Dario revealed him to the Latin peoples. His was more than an individual influence. Just as Poe was held among us as a prophet and a martyr of pure art, fallen among a nation of merchants and Pharisees, so Whitman loomed up all of a sudden as the people's own poet—the messiah of democracy. I think that what singled them out to the admiration of Latin America was: in Poe the intellectual appeal; in Whitman the spiritual freedom, both so dear to the Latin mind.

Emerson's persuasive eclecticism appealed also to a restricted circle of our philosophical dilettanti, but his message seems a little cold to the restless soul of our time. Of the Romantic period in the United States, a volume of Bret Harte's gave him popularity through the library issued by La Nación of Buenos Aires. Mark Twain is universally known as a jester, but of his more penetrating analyses of child, village and mob psychology I doubt if anything has been translated yet into Spanish or Portuguese. An elite undoubtedly knows of the modern poets and novelists of the United States, but all the general public is receiving from this source is an occasional story by Jack London, Booth Tarkington or O. Henry that finds its way into the miscellaneous department of the daily press.

There are furthermore a few doctrinaires to be considered. In his time, the educational ideas of Horace Mann were implanted by the zeal of Sarmiento, only to be swept aside by the Germans. Henry George has converted a fair percentage of our cranks to his single-tax theory; Ingersoll gave ammunition to many of our free-thinkers; Edward Bellamy's forerunner to Wells' Utopia was at one time the favorite feuilleton of our radical papers.

For the immense majority of the Latin-American public, the genuine representatives of North American thought are Elbert Hubbard and O. S. Marden. Some of our literary Homais wished us to believe that in these names was embodied the spirit of the American people. Every time I open a Latin-American newspaper I am prepared to see the announcement that Dr. Frank Crane and Arthur Brisbane are henceforth to provide us with our daily dose of North American

wisdom - which, in fact, a newspaper in Cuba and another in Mexico have already accomplished.

### III

So much for the A B C. The other nations to the southward show the same outlines, with here and there a divergent detail. In Peru, the home of the partly Whitmanian poet, Santos Chocano, the work of Prescott naturally looms up, as does, largely through the influence of Pedro Zulen, the philosophy of William James. It is Zulen, likewise, who has familiarized the more critical Peruvian public with our contemporary culture. In Mexico, always alert to foreign stimuli, a closely-knit educational group, enlisted from the wandering youth of all Latin America, keeps in close touch with the intellectual doings of the North. In Costa Rica, Emerson is held in highest esteem, and Thoreau is well known for his "Walden", while the ever-recurring Poe and Whitman share honors with Longfellow (whose "Excelsior" and "Psalm of Life" are learned by heart), Irving ("Legends") and, by a welcome exception, Hawthorne ("The Scarlet Letter"). Amy Lowell has penetrated in the company of the educational authority, Dewey; William James divides attention with Woodrow Wilson.

Both Señores Jorge Mañach and Jose Antonio Ramos of Cuba know us well from study and residence. But the former, as much an exception in Cuba as Freyre is in Brazil, declares that our classics are not read by his countrymen. He says:

"Save for those Cubans, like myself, who have lived and studied in the United States, the reading public here is ignorant of or ignores your old literary values. Every now and then, you find a scholarly fellow who has read Emerson in Spanish or Hawthorne in French; but he is rare. Poe is fairly known through Baudelaire and his Latin-American translators, such as Perez Bonalde. Whitman is indirectly known to us Cubans through Mairtí's fine essay on him. Longfellow is but a name. Perhaps the best-known American writer of the immediate past is Mark Twain, who goes so far as to have - shall we say fans? - on a par with Anatole France and Eça de Queiroz...

Our suspicion - that is what it is - of your literature is a reflex of what we generally think of your national life. That is to say, we still are towards it in the picturesque prejudiced era, just as you are towards us. We have not ceased entertaining the iniquitous dollar-chasing-sky-scraper notion of American effort. Few among us know anything of Edith Wharton, Robert

Frost, James Cabell, or Sinclair Lewis - or even of Hergesheimer, who has written that beautiful "San Cristobal de la Habana." It's a shame, but it must be confessed.

The reason for it is not so much the above prejudice against your "materialism," as a lack of time. ... Of course, this is regrettable. A little more propaganda on your part and a little more varied attention on ours would do much to bring us wholesomely together - and keep us safely apart."

In a recent article by Ramos in the Figaro (Havana) I find the realistic antidote to such romantic rhodomontade as we met with in the Brazilian, Saul de Navarro. "Why Do We Publish Books?" is his title, and he proceeds to contrast the lot of the writer in "idealistic" Latin America with that of the author in the "materialistic" United States. Literature in Cuba, as he describes it, appears to be a very precarious profession, whereas farther north even critics acquire an independent income! I do not mean to imply that Ramos is blind to the external and internal defects of our civilization, any more than are our own more serious novelists and critics, who, though their vocabulary and their approach may differ, launch against their countrymen the selfsame accusations that filter up from South America. He does know, however, that there are Calibans at home and that there are Ariels up here. He knows that literature in the United States sinks its roots deeply into the national life, instead of, as in Cuba, simply furnishing a respectable path to political preferment. He says:

"Main Street" owes its triumph exclusively to the fact that it is a protest, though it is somewhat softened, and at the close conforms to the canons of the happy ending. If the heroine had slipped a little lower in her adventure, according as experience in American life permits one to suppose would have been surer and more human, the novel would never have attained to its popularity. James Branch Cabell, a fine, cultured novelist, is not reckoned in the first rank for this very reason, despite his having had the honor of being persecuted by the famous anti-vice league, which tried to suppress "Mile Maupin." Nevertheless, the North American novel is achieving definite affirmation. The theatre already possesses masterpieces. Essay and criticism carry on the tradition which it would be a ridiculous provincialism on our part even to try to deny is the legitimate pride of the Saxon North. James Harvey Robinson and John Dewey, to name only gentlemen from the philosophical camp, are worthy successors to Emerson. ... The authors of the United States ... at the same time that they acquire material wealth, live intensely, pursue a new sense of contemporary life and will discover it! The future belongs to them.

And we?

With what pain, with what grief I detect that disdain which certain of our writers affect when they refer to the realm of the spirit in North America!"

Here, unless I am greatly mistaken, is an indication of what we may expect from Latin-American critics as soon as they replace rhetorical platitude with placid investigation of the facts. While they have been invoking Ariel, Caliban has been thriving lustily in their midst; while they have been sneering "Caliban" at us, Ariel here has been airily at work.

#### IV

In view of the fact that the numerous nations of Latin America barely manage to keep in touch with one another, despite the identity or similarity of their tongues, it is hardly to be expected that they should maintain close intellectual communion with a people from whom they are divided by distance, race and language. Yet the southern intelligentsia are closer knit than might appear. Articles are freely reprinted from magazine to magazine, and a good poem fast makes its way from Venezuela to Uruguay and back again. Letters from the United States are at last beginning to bring news of the northern literary renaissance.

Out of such intellectual intercourse only good can come. I pick up a recent number of the *Repertorio Americano*, published at San Jose, Costa Rica, by Joaquin Garcia Monje, - a fine scholar who knows the United States from having served his country at Washington, - and I find across the first page a "Message From Waldo Frank to the Writers of Mexico," translated into Spanish and sent originally from Madrid to Señor Alfonso Reyes, of the Mexican Legation there. I am attracted not so much by Frank's actual "message" - he advocates an artistic solidarity that shall fight Philistinism on both sides of the frontier, recognizing in independent spirits a minority that must combat machine-made civilization in Latin as in Saxon America, and upholding the ideal of cultural variety - and not because we can really create today an intellectual union of Americans, North and South. What attracts me is simply the fact that Frank's letter, written in English to a Mexican during a sojourn in Spain, comes to me in the United States by way of Costa Rica, in Spanish! Here, indeed, is a circle of print. The excuse for intellectual insularity has gone. Inertia, rather than ignorance, rather than prejudice, now keeps the minds of the Americas apart; and minds, like water, seek a common level. The natural channel is print. What is needed for the immediate present, more than speeches and compliments, is a wholesale blasting of diplomatic vacuities, a purely aesthetic consideration of each other's accomplishment. This should be conducted well outside the precincts of

institutions that lend themselves to propagandistic exploitation, by men of both North and South America who are above provincialism. The Americas have nothing to lose by closer communion, and commercial advantage is the least of the things to be gained.